

VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE: SUA FALA, SEUS CANTOS *

José Leonildo LIMA**

RESUMO *Este trabalho está centrado num estudo sobre a memória do povo de Vila Bela da Santíssima Trindade - MT, a partir de certas marcas lingüísticas presentes nos cantos da dança do Chorado e nos cantos e texto da embaixada do Congo. O primeiro capítulo traz algumas informações sobre os aspectos históricos, culturais e lingüísticos de Vila Bela da Santíssima Trindade. O segundo capítulo é introduzido pelo conceito sobre **Festa**. A partir deste conceito, fizemos uma descrição sobre as festas do Divino Espírito Santo, de São Benedito, do Congo, dança do Chorado e, por último, sobre a festa da Santíssima Trindade. O terceiro capítulo consiste na análise sobre algumas marcas lingüísticas previamente selecionadas dos cantos e do texto da embaixada, a partir das quais discutimos alguns aspectos da memória do povo de Vila Bela da Santíssima Trindade. E por último, o trabalho mostra-nos que a festa do Congo, de caráter profano, ainda exerce a sua soberania sobre as festas de caráter religioso e, que diante das marcas lingüísticas analisadas, várias evidências apontaram como sendo os vila-belenses oriundos do grupo banto.*

ABSTRACT *This work is centered in a study about the memory of the people of "Vila Bela da Santíssima Trindade" - MT, starting from certain linguistic marks present in the songs of the dance of Chorado and in the songs and text of the embassy of Congo. The first chapter brings some information about the historical, cultural and linguistic aspects of "Vila Bela da Santíssima Trindade". The second chapter is introduced by the concept about Festivity. Starting from this concept, we made a description about the parties of Divine Espírito Santo, of São Benedito, of Congo, dances of Chorado and at, last, the party of "Santíssima Trindade". The third chapter consists in the analysis about some linguistic marks selected previously of the songs and of the text of the embassy, which starting from them we discussed some aspects of the memory of the people of "Vila Bela da Santíssima Trindade". And at last, the work shows us that the party of Congo, from profane character, still exercises its sovereignty about the parties from religious character*

and, that by the analyzed linguistic marks, several evidences indicated how being the “vila-belenses” originating from the banto group.

I - INTRODUÇÃO

Este texto apresenta alguns aspectos da dissertação de mestrado denominada Vila Bela da Santíssima Trindade: sua fala, seus cantos, defendida em agosto de 2000 no IEL. Falar sobre Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital do estado de Mato Grosso de 1752 a 1835, é falar de uma cidade muito especial, que resistiu ao abandono, e venceu o tempo, construindo sua história. Marcada por três momentos étnicos distintos, apresenta particularidades históricas, culturais, antropológicas e lingüísticas. À época de sua fundação, era constituída por uma elite branca ao lado de negros, pardos, além dos índios. Com a mudança da capital para Cuiabá em 1835, a comunidade ficou totalmente caracterizada como negra. Hoje, a cidade, embora tenha recebido um grande número de migrantes brancos, ainda é caracterizada como uma comunidade em que a predominância étnica pertence ao negro, um fato corroborado por BANDEIRA (1988:32), quando diz que (...) os brancos vão embora; os pretos constituem sua comunidade igualitária; os brancos voltam e os pretos resistem.

Diante dos vários aspectos das manifestações culturais dos vila-belenses, empreenderemos um estudo sobre a sua memória, a partir de algumas marcas lingüísticas manifestadas nos cantos das principais festas da **Festança**¹: palavras africanas e de origem africana. Para efeito da análise, foram estudados os cantos que circulam na festa do Congo e na dança do Chorado. Além dos cantos do Congo, a nossa análise estará voltada também para a fala que caracteriza a parte dramática da festa do Congo: a embaixada.

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP, em 16 de agosto de 2000, sob a orientação da Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim.

** Professor no Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT – Campus de Pontes e Lacerda.

¹ Em Vila Bela sempre existiu um ciclo de festas denominado Festança. Esta denominação, na sua origem, referia-se às celebrações relativas ao início do calendário agrícola, quando a terra era preparada para a sementeira. Era sempre realizada entre a segunda quinzena de setembro e a primeira de outubro, pois são os dois últimos meses da estação seca e a chegada da estação chuvosa.

O objetivo da sua realização estava centrado no agradecimento externado pelos vila-belenses aos santos, de modo especial a São Bendito, pela proteção dada à colheita anterior. Aproveitando esse momento de agradecimento, realizavam também as festas de São Bendito e do Congo. Era o período em que se faziam grandes refeições comunitárias, com um grande consumo de alimentos.

Como era um momento de festa, os padres, aproveitando o grande número de pessoas reunidas, realizavam visitas anuais para ministrar os principais sacramentos da Igreja Católica como, por exemplo, batizados, casamentos, confissões etc.

Ao falar sobre a memória de um povo, o caminho a percorrer é muito sinuoso, porque nós não nos preocupamos muito em preservar o presente, para que, no futuro, o passado possa ser mais facilmente presentificado. Dessa forma, faz-se necessário percorrermos os mais diferentes caminhos, para que possamos ter uma visão, pelo menos parcial, de como viveu um povo num determinado período da história. Os caminhos podem ser escolhidos a partir de um olhar antropológico, folclórico, histórico, lingüístico, entre outros. No nosso trabalho, optamos por uma presentificação da memória do vila-belense pelo caminho lingüístico, a partir dos cantos que são veiculados na comunidade, no período da **Festa**.

Ao optarmos pelo estudo da memória, o que nos chamou a atenção é que a comunidade tem a sua história viva não nos livros, mas na tradição oral. E um exemplo claro dessa tradição diz respeito à pesquisa que empreendemos para coletar o texto da festa do Congo e os cantos das principais festas da comunidade. Valemos do oral para traduzir na escrita o que circula livremente na comunidade, sem a preocupação do registro escrito.

II - A MONTAGEM DA FESTA NEGRA

A festa do Congo é a que dá início às festividades denominadas de **Festa**. O eixo central da festa é a homenagem a São Bendito, momento em que os negros externam um pouco dos costumes e da cultura africanos. Para que a festa aconteça, os dançantes (soldados) do Congo dão início a todo o ritual. Eles vão de casa em casa de cada integrante do grupo o qual é composto por 24 Soldados, (o Rei, o Embaixador, o Príncipe e o Secretário do Rei), e de cada festeiro de São Benedito (o Rei, a Rainha, o Juiz, a Juíza e as Ramalhetes), para formar o cortejo. Os dançantes do Congo conduzem os festeiros de São Benedito até a porta da igreja, para que possam cumprir os ritos de louvor ao santo através da cerimônia da missa. Logo que os festeiros de São Benedito entram na igreja, os dançantes do Congo se afastam e aguardam o final da missa para dar início à apresentação da Embaixada. Terminada a missa, as dançantes do Chorado e os soldados dançantes do Congo se dirigem à frente da igreja, a fim de fazer as apresentações da Dança do Chorado e a embaixada do Congo, respectivamente.

III - OS CANTOS

Os cantos do Chorado fazem alusão à vida particular das mulheres escravas de Vila Bela da Santíssima Trindade e aos temas relacionados ao amor. São cantos entoados somente por mulheres. Já os cantos da embaixada do Congo apresentam como temas principais a vida difícil do escravo, lembranças da África, fatos históricos da região e religião.

Fui no mato panhar coco,
pra matar a minha fome,
lá do mato respondeu,
coco verde não se come,
oi coco verde não se come (bis).
Dam, dam rim, dam, dam.

Este canto apresenta-nos um pouco a realidade em que viviam os escravos. Um aspecto dessa realidade diz respeito às poucas refeições que recebiam para o seu sustento. Além de mingoadas, eram pobres em calorias, pois os ingredientes básicos eram a farinha, o feijão e a água. Dessa maneira, eles buscavam outras alternativas para complementar a alimentação. E o exemplo de que passavam fome está expresso no verso pra matar a minha fome.

Olha lá a umbigada,
que Sabino mandou dar. (bis).
Sabino não pôde vir
mandou eu no seu lugar,
é por isso que estou aqui,
eu vim representar.
Sabino diz que umbigada
não tem ofensa nenhuma,
quem não tem mulher aqui
dá umbigada em mulher de qualquer um.
Dam, dam, rim, dam, dam.

A palavra umbigada, que embora seja de origem portuguesa, resgata aspectos da cultura afro, informa-nos sobre danças de roda trazidas pelos escravos bantos de Angola. Segundo SCISÍNIO (1997: 321), a umbigada é a dança com a seguinte característica: (...) pancada que o dançarino solista dá, com o umbigo, na pessoa ou nas pessoas que vão substituí-lo. E de acordo com TINHORÃO (1988: 55): Era esse aproximar dos ventres que permitia a aplicação quase imperceptível da umbigada, traduzida na espécie de choque elétrico simulado, ao contato dos corpos, e que levava o dançarinos a pularem para trás, em salto simultâneo.

Sai, sai o ingome sai
Saia do caminho
Sai engomerê.

Este é o primeiro canto puxado pelos soldados dançantes, o canto de convite. Nele, as palavras ingome e engomerê se portam como palavras de festa. Quando os dançantes do Congo entoam esse canto, na frente da casa de um dançante ou festeiro, a idéia presente aqui é a de que os dançantes do Congo pedem para o atabaque sair da casa onde eles estão cantando para animar a festa. E, além disso, quando cantam sai engomerê, estão convidando um festeiro ou alguém para participar de algum evento. Dois termos de origem afro traduzem o convite. É o que

bem caracteriza a origem das palavras: *ingome*, atabaque dos *candomblés*, nome de um tambor sem pintura, feito de barril, de origem banto: **ngome**; e *engomerê*, palavra também do grupo banto (**ngomile**) com o significado de festeiro.

Ô marinheiro ô marinheiro
Está na hora de embarcar
O navio está no porto
O marujo vai ao mar.

O povo desfilando pelas ruas da cidade, conta um pouco de sua história. Nesse sentido, queremos registrar que, quando os *guieiros* entoam o canto acima, uma página *garatujada* do passado histórico do negro é lembrada, pelas condições em que foram “arrancados” da África. E uma prova de que foram arrancados à força de sua pátria é que os negros não foram convidados para vir ao Brasil ou a outro país qualquer, mas capturados. O adjetivo “*garatujada*” é a prova da violência com que um ser humano é retirado de sua pátria. Como diz PINSKY (1982: 21), nada mais equívoco do que dizer que o negro **veio** para o Brasil. Ele **foi** trazido.

Um adeus bela menina
Tanto tempo eu cheguei.
Eu pensava que ela não vinha
Para nunca mais me ver.

Estes dois versos, mostrando uma situação de partida, de despedida de alguém, apresentam uma situação que foi muito comum em Vila Bela da Santíssima Trindade, desde a sua fundação até o momento em que o meio de transporte mais utilizado era a navegação fluvial, via rio Guaporé e Madeira-Mamoré, até Belém do Pará. No auge da cidade, todas as embarcações que faziam esse trajeto eram de propriedade da Companhia do Grão-Pará e Maranhão. A companhia era responsável não só pelo transporte dos principais víveres para a sobrevivência dos moradores vila-belenses, como também pelo comércio abastecedor de escravos negros para a província de Mato Grosso. Os navegadores, a maioria de Vila Bela da Santíssima Trindade, ao deixarem o porto desse lugar, com destino a Belém, nos rústicos batelões, estavam cientes de uma viagem que muitas vezes chegava a durar até um ano. Ao partirem, despediam-se de seus familiares. Ficavam, muitas vezes, vários anos sem ver os familiares. Isso, de certa forma, gerava uma desilusão por parte das pessoas que ficavam em terra, sem esperança de virem as pessoas que empreenderam tal viagem. Essa idéia está expressa no verso que diz: Eu pensava que ela não vinha / para nunca mais me ver.

Sinhô Rei vamos embora
Sua festa já acabou. (bis)

Senhora Rainha vamos embora
Sua festa já acabou (bis)

Sinhô Juiz vamos embora
Sua festa já acabou. (bis)
(...)

O verso Sinhô Rei vamos embora, traz o pronome de tratamento Sinhô, muito empregado na época da escravidão, não só em Vila Bela da Santíssima Trindade, como também em todos os recantos do Brasil, onde o negro estava presente. Esse era o tratamento que os negros dispensavam a seu senhor. Este tratamento sofria variações de acordo com a idade do senhor. Se fosse pessoa jovem o tratamento era Sinhô-moço; se velho, o tratamento era Sinhô-velho, e; se adulto, recebia simplesmente o tratamento de Sinhô.

Outras palavras desse canto que marcam um período da história da Vila Bela da Santíssima Trindade são Rei e Rainha. Aqui temos as marcas tanto do povo português como africano, pois ambos tiveram os seus reis e as suas rainhas. Só a título de exemplo, o rei de Portugal, D. Manuel manteve contato, entre 1511 e 1529, com D. Afonso, rei do Congo. Quanto às rainhas, consta nos relatos históricos, a rainha Maria II que assumiu o trono em Portugal, em 1834, quando D. Pedro retornou a Portugal, para pôr fim a uma guerra civil que estava acontecendo em seu país. Também a rainha Ginga NBandi ou Bândi, a última soberana negra, que resistiu ferozmente ao domínio português no século XVII, fazendo e desfazendo alianças, era violenta, sagaz, impressionante pela inteligência e majestade conscientes.

Ainda com relação à palavra Rainha, a cidade tem o registro de uma rainha: Rainha Teresa de Benguela. Foi a rainha quem governou um quilombo existente na região, denominado Quariterê. Neste sentido, quando os vila-belenses criam seus reis e rainhas em suas festas, mostram uma das formas encontradas de manterem vivas as marcas culturais do seu povo.

Viva São Benedito
Lá do céu a glória
Por aquele menino
Que nos deu
A glória por aquele menino que nasceu
A glória.

Mais uma vez o povo glorifica São Benedito, quando este canto é entoado. É a prova do valor e do significado de São Benedito para o povo vila-belense. Neste canto está expresso que o santo é o intercessor da etnia negra junto a Deus. O povo canta, no espaço público, com muita fé, convicção e júbilo, para agradecer a Deus pelo privilégio de a etnia negra ter alguém tão especial: São Benedito.

Ajuê calunga todo mundo sabe (bis)
Saltemos do mar em terra
A mesma pessoa (bis)
Por cima dum lambari
As ondas do mar são tantas
Não podemos conseguir.

Ajuê calunga todo mundo sabe é um verso que apresenta traços da cultura africana. Ao ouvirmos esse verso, estamos presenciando o povo que declara a fé a um ídolo, a uma divindade do culto banto, a um fetiche próprio da religião da sua terra de origem. Proclamam, publicamente, que os escravos professavam uma outra religião. Na palavra Calunga, com a carga semântica de fetiche, ídolo, divindade do culto banto, percebe-se um povo que não esconde suas marcas culturais e religiosas. Neste sentido, podemos afirmar que o aspecto mágico se faz presente aqui também como em qualquer outra religião.

Vamos minha gente
Levantar o ferro.
O ferro está pesado
Vamos suspender o ferro.

Neste canto, as evidências de um povo que clama diante dos mais torpes e severos castigos sofridos. Aqui se manifesta a união de um povo que pede o fim do sofrimento que há muito é a tônica do povo negro. E a idéia do fim do sofrimento por que o povo negro vinha passando na época da escravidão, incluindo também o povo de Vila Bela da Santíssima Trindade, está estampada vivamente nos versos: Vamos minha gente / Levantar o ferro. Quando a palavra ferro é pronunciada, diferentes situações de castigo e punição são aventadas e lembradas também por esse povo. Segundo depoimentos de pessoas da comunidade como, por exemplo, Sra. Nemézia e Sr. Elíseo, a prática de gravarem a letra F na pele dos negros fugitivos foi também uma prática constante na região.

IV - A FALA

A embaixada é a cena tida como o ponto alto da **Festança**. É o momento muito esperado por toda a comunidade, pois é quando acontece a grande manifestação de louvor a São Benedito, através de danças e da encenação da embaixada. É o momento em que o profano e o religioso se entrecruzam, fazendo emergir os valores culturais do povo vila-belense.

O texto da embaixada é um texto de tradição oral. Talvez, por isso, apresenta algumas palavras e trechos truncados e, muitas vezes, uma narrativa fragmentada. Vejamos alguns exemplos: Comanda guerra, mas em guerra; Ante que me faça romão na terra do seu inimigo; Pelo que eu mesmo embaixador que mando em

guerra; Que o Pedro mais o Cazu e o Muntuê, na ponta da minha canfanha; Sua tua amada tesouro; Cara de umbanda quinani, nariz de muqueta.

Uma característica do texto é apresentar palavras de origem africana e palavras africanas como, por exemplo, congia, mucamba, matingombê, Mumbique, Mumbaça, mumbungues, canfanha, zimbrevé, fundanga entre outras. O texto é marcado também pelo emprego de arcaísmos, atualmente em desuso, como é o caso dos pronomes vosso e vós. Outra característica é apresentar, em muitos diálogos, a ausência de concordância de número, como em: que gente são essa, que vozes tão sutil, que vozes tão sonora, entre outras.

Além dessas características, agora alguns trechos do texto da embaixada pelos quais a memória do povo vila-belense se manifesta, com uma estrutura própria como, por exemplo:

Vale a minha andesa! Vale minha Nossa Senhora! Onde está esse Secretário que não congia meus gritos e meu chamado, hoje, nesse dia? Olá, olá, olá, Secretário da minha real coroa! Secretário de Guerra! Vai me congiar que mucamba é essa. Se for gente de festa grita festa mas em festa, se for gente de guerra comanda guerra mas em guerra. Vai vur! Bem que são gente atrevida, ante que me faça romão na terra do seu inimigo. Onde está que eu não mato o ceis tudo.

Rei Senhor, aí chegou o Embaixador mumbique de Mombaça, que traz carta e mucamba que manda o sinhô Rei morrer de bamba. Aqui ocorre uma fala caracterizada pelas palavras mumbique (**mumbika**), Mombaça, mucamba (**mukamba**) e bamba (**mbamba**), do grupo lingüístico banto.

- Toma essa minha zimbrevé que tem balas e fundanga, e tem vencido muita batalha. Vai vur!

A embaixada é encerrada com o canto Sai, sai o ingome sai / Saia do caminho / Sai engomerê, em que estão presentes as palavras ingome e engomerê como marcas lingüísticas de uma comunidade de povos afros. Este canto é entoado, primeiramente, por um dançante do Congo que, tocando um tambor ao amanhecer, no dia da festa de São Benedito, dá início à cerimônia de arregimentação dos dançantes do Congo, como já nos referimos anteriormente.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já falamos, os negros de Vila Bela da Santíssima Trindade, falantes que eram de uma outra língua, receberam muitas influências de seus patrões e dos representantes do governo portugueses. Assim, receberam a imposição de uma outra língua, colocando à prova a manutenção da língua africana.

Ao longo da história, a língua ou dialeto africano, provavelmente, falado pelos negros dessa cidade, foi sendo conquistado por um outro território lingüístico: a língua portuguesa. E nessa conquista, a língua primeira, juntamente com parte da sua

cultura, assentou-se num outro lugar. E nesse deslocamento, os negros sempre fizeram um grande esforço em manter vivo um pouco do seu universo cultural.

Impossibilitados do resgate de uma provável língua ou dialeto por eles falado na região, buscamos entender um pouco de sua história, através de alguns textos que circulam na comunidade. Assim, centramos nossa análise mais precisamente nos cantos do Congo, Chorado e Divino Espírito Santo, bem como no texto da embaixada do Congo. Foi a partir desses textos que presentificamos um pouco da memória dos negros de Vila Bela da Santíssima Trindade.

Numa luta incontida do povo de Vila Bela para não deletar suas marcas culturais, é que a festa do Congo se impõe sobre as demais. Embora os negros tenham incorporado algumas comemorações religiosas de origem européia, por imposição da Igreja como, por exemplo, a festa de São Benedito, a supremacia das festas nessa comunidade pertence à festa do Congo. Esta dimensão fica bem visível na realização da festa de São Benedito. Para que a festa deste santo aconteça, quem toma a frente de todas as atividades são os dançantes do Congo. São eles que comandam a abertura e o encerramento da festa do santo, e não os festeiros. É o Congo que convida o povo para a festa. É a voz do negro falando, é o negro mostrando a sua cultura, é a cultura afro caminhando em meio à nossa cultura.

Os cantos do Chorado e do Congo, bem como o texto da embaixada, a partir das marcas lingüísticas analisadas, de modo especial as de origem africana e as africanas, a provável procedência do povo de Vila Bela da Santíssima Trindade, curiosidade latente há muitos anos na comunidade. Praticamente, quase todas as palavras africanas e as de origem africana que analisamos são pertencentes ao grupo banto. A partir dessa predominância, podemos inferir que os vila-belenses são pertencentes ao grupo banto, que congrega os negros das regiões de Angola, Congo e Moçambique, zonas dos tambores, da agricultura e dos ritos agrários.

A festa do Congo e a dança do Chorado se portam como as responsáveis pela manutenção da cultura e das tradições do povo de Vila Bela da Santíssima Trindade. Nestas duas festas encontramos alguns vestígios lingüísticos dos negros que nos abrem as portas para entrarmos no universo cultural do povo vila-belense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIM, Tania Maria. (jun. 1995). Fala de escravo: estudo de um caso de representação. Revista *Leitura: Teoria e Prática*, Campinas, nº 25: 42 – 46.
- ANGENOT, Jean-Pierre, JACQUEMIN, Jean-Pierre e VINCKE, Jacques L. (1974). *Répertoire des vocables brésiliens d'origine africaine*. Collection "Travaux et Recherches", Cellule V: Zaire.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. (1983). *Território negro em espaço branco*. São Paulo: Brasiliense.
- BOURDOUKAN, Georges. (1997). *Capitão Mouro*. São Paulo: Sol e Chuva.

- CASCUDO, Luís da Câmara. *s/d*. Dicionário do folclore brasileiro. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro.
- CRUZ, Joaquim. (1936). Marcello Propheta da. Manuscritos. Vila Bela da Santíssima Trindade.
- FERREIRA, Tito Livio et FERREIRA, Manoel Rodrigues. (1959). História da Civilização Brasileira. São Paulo: Gráfica Biblos.
- FERREIRA, Manoel Rodrigues. (1960). No limiar de "nas selvas amazônicas". São Paulo: s/ed.
- FONSECA, João Severiano da. (1880). Viagem ao redor do Brasil. Rio de Janeiro: Tipografia de Pinheiro.
- HECKLER, Evaldo et alii. (1984). Dicionário morfológico da língua portuguesa. São Leopoldo: UNISINOS, Vols. I a V.
- PINSKY, Jaime. (1982). A escravidão no Brasil. 2. ed. São Paulo: Global.
- RABAÇAL, Alfredo João. (1976). As Congadas no Brasil. São Paulo: Secretaria de Cultura.
- SCISÍNIO, Alaôr Eduardo. (1997). Dicionário da escravidão. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira et alii. (1990). O processo histórico de Mato Grosso. 3. ed. Cuiabá: Guaicurus.
- SOUTO, Ariovaldo. (1985). Nesso. Do Guaporé aos garimpos do rio Madeira. Cuiabá: Gráfica São Benedito.
- TARALLO, Fernando. (1986). A pesquisa sociolingüística. 2. ed. São Paulo: Ática.
- TAUNAY, Visconde de. *s/d*. A cidade do ouro e das ruínas. São Paulo: Melhoramentos.
- TINHORÃO, José Ramos. (2000). As festas no Brasil colonial. 1. ed. São Paulo: Editora 34.
- _____. (1988). Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folguedos, origens. São Paulo: Art Editora.
- VOGT, Carlos e FRY, Peter. (1996). A África no Brasil: Cafundó. São Paulo: Editora da UNICAMP.